

## O RAP: um movimento cultural no Nordeste de Amaralina

João Paulo Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta um estudo desenvolvido na Região Nordeste de Amaralina (RNA), Salvador-BA, analisando o comportamento dos jovens adeptos da música RAP, no âmbito das contradições da cidade contemporânea. Evidenciando uma manifestação cultural da população africana em diáspora, em terras da América.

**Palavras-chave:** Região Nordeste de Amaralina, RAP, cidade contemporânea, cultural, diáspora.

## INTRODUÇÃO

A partir da visão da Geografia Cultural, busca-se elucidar as relações existentes entre os jovens adeptos da cultura RAP (*Rhythm and Poetry*), que por sua vez é de característica da população africana em diáspora em terras da América, e a cidade no seu contexto contemporâneo. Buscando desvendar o comportamento desses indivíduos relacionando com essa nova conjuntura de Estado Democrático, que está em processo desde 1988, com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, que é destinada a assegurar o exercício dos direitos sociais, individuais, igualdade, dentre outros direitos. Nesse contexto, com a não concretização de tais direitos, alguns se vêm insatisfeitos por não estarem inseridos na estrutura social padronizada.

Busca-se mostra que esse movimento cultural não é cúmplice da violência existente nos grandes centros urbanos. Tendo em vista que essa manifestação cultural tem um caráter discursivo a respeito de questões sociais, raciais, dentre outras, que acompanham tal parcela da população no âmbito da cidade contemporânea. Esses são alguns aspectos que serão abordados na proposta de trabalho. Partindo da utilização do método fenomenológico, a pesquisa será elaborada a partir de experiências vivenciadas durante certo período no local em estudo, através de percepções, especulações e

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Geografia, pela Universidade Federal da Bahia.  
E-mail: joaopaulo\_ufba@yahoo.com.br



investigações que possibilitem, através desse recorte metodológico, desvendar uma essência bem particular desse movimento cultural na RNA. A partir dessa experiência de convívio com a realidade desses indivíduos é que se tornou possível elaborar alguns questionamentos, a propósito do desenvolvimento da pesquisa, que por sua vez dizem respeito à maneira de como o comportamento desses indivíduos, adeptos do hip – hop, ocorrem e como se dá a questão da afirmação da identidade enquanto população africana em diáspora.

Esse universo cultural aparece como um instrumento privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais nos quais os jovens contemporâneos buscam demarcar uma identidade juvenil que alcança outros horizontes que vão além da estética, e que manifesta uma emergência no imaginário social de um país culturalmente fragmentado e plural onde muitas vezes a parcela da população pertencente às chamadas culturas hegemônicas não “enxergam” as manifestações populares que assumem uma condição de “subcultura”.

## **A NECESSIDADE**

Essa abordagem é algo novo na esfera da Geografia Cultural, que por sua vez requer uma maior atenção na sua elaboração, para que não haja equívocos ou superficialidades dos estudos. A própria Constituição Federal, referente à ordem social, no capítulo III – seção II – *Da Cultura*, em seu Art. 215, *ipsis litteri*:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Ainda na mesma seção, no § 1º, está disposto:

O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Dentre diversos motivos que envolvem as problemáticas sociais, e que se faz indispensável à presença do Estado nessa localidade, se “apropriando” dessa atividade cultural com um intuito de fomentar a formação identitária dessa parcela da população.

Mas a questão política é um entrave que dificulta as ações sociais nessa região, conforme o depoimento do DJ Poeira<sup>2</sup>, ele diz: “*Antes quando era o Viva Nordeste*<sup>3</sup> acontecia todas as atividades do movimento hip – hop por lá, só que, com a mudança de Governo, um queria quebrar o outro, e como sempre sobra pra comunidade”. Assim, se faz necessário a valorização da cultura, que por sua vez pode vim a acarretar soluções, ainda que provisórias para a problemática comportamental dos jovens, que se vêem excluídos racialmente e socialmente dos espaços hegemônicos da *cidade*. Essa pesquisa, também, tem como finalidade a desmistificação da música RAP como instrumento de apologia a criminalidade e a violência urbana, de uma forma mais ampla. É através da essência dessa cultura que se busca interpretar as ações desses indivíduos, fundamentalizando de forma teórica os atos que ocorrem no cotidiano da cidade.

## **DADOS PRELIMINARES – ENTENDENDO A REGIÃO NORDESTE DE AMARALINA**

A Região Nordeste de Amaralina (RNA) pertencente à região Administrativa VII da cidade de Salvador, possui um arranjo espacial composto pelos bairros da Chapada do Rio Vermelho, Nordeste de Amaralina, Santa Cruz e Vale das Pedrinhas, localizada numa área de topografia acidentada caracterizada por vales e morros. É característica de formação de favelas, com infraestrutura e moradias precárias. A RNA possui uma área de 203 ha, com uma população absoluta de quase 83 mil<sup>4</sup> habitantes, tendo, assim, uma das maiores densidades demográfica do Brasil. Referente a esse adensamento populacional Dias (2009), diz:

[...] do ponto de vista prático, isso significa dizer que nas áreas mais pobres a qualidade de vida tende a piorar. Isto inclui irregularidade no fornecimento de água, energia e outros serviços, pois são regiões geologicamente acidentadas, que dificultam a implantação de infra-estrutura e, ao mesmo tempo, possuem alta demanda de todo tipo de serviço e, como agravante, são penalizadas com o baixo investimento do poder público (DIAS, 2009, p. 1)<sup>5</sup>

---

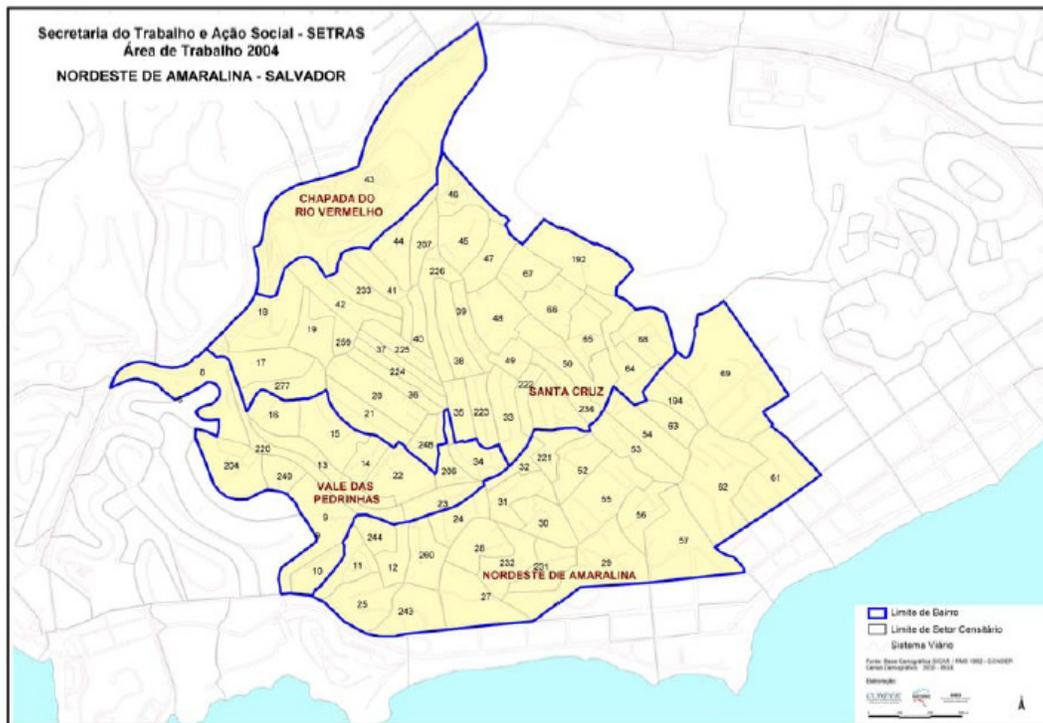
<sup>2</sup> **DJ Poeira**, morador do vale das pedrinhas.

<sup>3</sup> Programa de Desenvolvimento Integrado da Região Nordeste de Amaralina, 2004.

<sup>4</sup> Conforme dados censitários do IBGE/2002.

<sup>5</sup> Comentário extraído do site do CREA – BA, num comentário do chefe do Departamento de Geografia da UFBA: < [http://www.creaba.org.br/Revista/Edicao\\_26/populacao\\_26.asp](http://www.creaba.org.br/Revista/Edicao_26/populacao_26.asp) >.

**Figura 1** – Mapa da Região Nordeste de Amaralina



**Fonte:** Programa Viva Nordeste/Setras

Tendo em vista que esse movimento cultural chega ao Brasil em meados dos anos 1980, como aponta Scandiucci (2005)<sup>6</sup>, “[...] época de sensível aumento da população pobre do país, conseqüência do agravamento da crise econômica que marcou o período da redemocratização”. Período esse em que o estado da Bahia, mais especificamente a cidade de Salvador passava por um processo de investimentos de empresas como a Petrobrás e Odebrecht, fazendo com que houvesse um crescimento, com um ônus público, em infra-estrutura (estradas, pontes, barragens, abastecimento de água, saneamento e avenidas). Dentro desse contexto Carvalho ; Pereira (2009. p.27) diz, “No mesmo período, em Salvador, ocorreram a expansão da construção civil residencial e a valorização da terra urbana nos novos bairros de classe média (Pituba, Caminho das Árvores e outros) [...]”. São esses mesmo bairros que “escondem” a visibilidade da Região Nordeste de Amaralina, que por sua vez se encontra incrustada entre esses

<sup>6</sup> Mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Pesquisador do Grupo de Estudos das Ancestralidades Africanas e Cidadania (GEAAC) – ONG; Instituto Guatambu de Cultura.

bairros de classe média. Essa configuração espacial de divergências entre os dois lugares, ao mesmo tempo tão próximos, mas que há uma distância imensurável de condições sócio-econômica e de investimentos estatais, que por sua vez desperta, nas classes sociais inseridas nas favelas, um anseio de pertencer ao espaço do “outro”. Santos (2001), corrobora dizendo:

Chamaremos de espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo e capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. (SANTOS, 2001, p. 264)

O que acarreta uma serie de implicações sociais, como criminalidade, subemprego, vadiagem, etc. Essas problemáticas são temas corriqueiros nas músicas de RAP que os jovens relatam com uma grande propriedade, pois eles expõem o que vivenciam apesar de estarem externalizando seus pontos de vista, algo bem particular, que por sua vez não podemos tomar como uma verdade absoluta. Depoimentos como o do DJ Poeira, que diz:

O RAP em si é experiência, é vida, convivência. Você não precisa relatar exatamente o que você vive, mas experiência de outras pessoas que já compartilharam com você, RAP é nada mais nada menos que relato do cotidiano, independente do que seja, de tiro, de sorriso [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

É possível perceber em depoimentos essa essência contida na música de RAP, é vida expressa da forma mais verdadeira possível, sem simulações de sentimentos e acontecimentos.

A Região Nordeste de Amaralina, assim como outras áreas periféricas e marginalizadas de Salvador é estigmatizada, rotulada e exibida, apenas, pelo seu aspecto de complicações sociais, o que são questões presentes em toda grande cidade, Oliveira (2006), comenta:

Ao retratar espaços como os bairros populares ou os subúrbios, a mídia opta por uma lógica que prioriza as notícias geradoras de impacto, aquelas relacionadas às demandas ou problemas de caráter social que atingem a população. (...) No que diz respeito, especificamente, à midiaticização de problemas sociais como a violência, os meios de comunicação exercem grande influência na criação e disseminação das crenças e opiniões da sociedade acerca da temática (OLIVEIRA, 2006, p. 9).

A tabela abaixo ajuda a perceber como está distribuída a população da RNA.

**Tabela 1:** Distribuição da população da Região Nordeste de Amaralina, no ano de 2002.

ÁREA DE PONDERAÇÃO	POPULAÇÃO TOTAL	PEA	POPULAÇÃO OCUPADA	TAXA DE OCUPAÇÃO
Nordeste de Amaralina	25.466	21.683	9.950	39%
Santa Cruz, Vale das Pedrinhas e Chapada	57.510	46.877	22.677	39%
TOTAL	82.976	68.560	32.627	39%

Fonte: Dados de amostra censitária por área de ponderação de população. IBGE/2002

Conforme os dados do IBGE (2002), 88% da população da RNA é parda ou negra, 49% das pessoas têm menos de 25 anos e apenas 9% da população tem acima de 55 anos. A faixa etária mais populosa se concentra entre os 10 e 19 anos. A importância desses dados preliminares ajuda a entender como esta região está constituída, como está distribuída sua população, como é a sua geografia e qual o meio espacial onde está inserida, estabelecendo uma aproximação com a realidade social da população local e dando um prenúncio de como são as relações sócio-espaciais presentes na mesma.

## **A CULTURA RAP NA REGIÃO NORDESTE DE AMARALINA**

*Nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes de transformação do espaço.*

*Angelo Serpa*

Partindo do pressuposto de que o Movimento hip – hop é uma manifestação cultural produzido e consumível, sobretudo, pelos jovens pobres e negros das classes

baixas urbanas que não se vêem inseridos no padrão social observado em outros bairros da cidade de Salvador. Levando esses indivíduos a instituir um estilo de vida próprio que tem por fim confirmar e valorizar a sua própria identidade enquanto classe periférica e marginalizada, surgindo assim outra cultura de classe ou subcultura, proporcionando a esses indivíduos novas possibilidades e condições de viver. SERPA (2007), a respeito da cultura contemporânea, diz:

Buscar uma idéia de “cultura” que abarque as representações e práticas sociais das classes populares nas cidades contemporâneas, evidenciando as características e as possíveis peculiaridades das manifestações culturais populares, parece, a princípio, tarefa ingrata e complexa, particularmente em Salvador, num momento de transformação evidentes da paisagem da cidade para o consumo turístico (SERPA, 2007, p. 141).

Essa é uma crítica feita a vigente política de turismo da cidade de Salvador, que molda e oferece de forma estereotipada as manifestações populares, a exemplo dessas manifestações se destacam a Capoeira, o Samba, o Candomblé, as festas populares (de largo), entre outras manifestações de característica de populações africanas em diáspora, como o hip – hop. Passando a ter o desígnio de atrair turistas, tornando-as, exclusivamente como mercadorias capitalistas. Lefebvre (2001, p. 104) corrobora afirmando: “A cidade [...]. Não é mais do que um objeto de consumo cultural para turistas e para o estetismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco”. Dessa forma a verdadeira essência do que venha a ser cultura popular é descaracterizada, Serpa (2007, p. 141) questiona, “O que se entende, afinal, por ‘cultura’ nas áreas de urbanização popular das cidades contemporâneas?”. Essa indagação nos remete a centrar na cidade de Salvador - BA, onde muitas das manifestações culturais brasileiras originaram-se, principalmente as identificadas com a população negra, que somam uma grande contribuição para a formação cultural do Brasil.

Voltando a essa idéia de identidade e busca de espaço, dentro de uma sociedade excludente é possível perceber através das pixações, que pode ser ou não considerada uma vertente do Grafite, que por sua vez é um dos elementos do hip – hop incumbido de expressar o cotidiano, as aspirações, a realidade propriamente dita dessa parcela da população, por meio das artes visuais. É possível ver na cidade de Salvador, principalmente na sua área *core*, e com menos intensidade nas periferias, como na Região Nordeste de Amaralina, os sinais desses pixadores que se organizam em gangues e deixar suas marcas nas marquises urbanas. Herschmann (2000) contribui dizendo,

É como se um pequeno pedaço do universo do “morro” e do subúrbio, “invisível”, pouco visitado e contemplado no imaginário coletivo urbano, deixasse um vestígio, ou melhor, é como se a cidade do *outro* se inscrevesse na cidade “ordenada”, “desejada”, “conhecida” (HERSCHMANN, 2000, p. 231).

Esses espaços são bastante almeçados, por essa juventude, em entrevista a um pichador da localidade nos ajudou a esclarecer o motivo das pichações se concentrarem nas áreas centrais das cidades, dizendo que: “*no centro a visibilidade é maior, todos vão ao centro. A periferia já é suja demais*” em um outro momento ele nos diz, “*A intenção é sujar a burguesia, na área mais nobre da cidade, e colorir e dar vida na favela. Não curto riscar casa de pobre que dá um duro danado pra pintar, pra ir um lá e pichar*”. Com essas palavras, podemos perceber o teor de insatisfação social que esses jovens carregam com sigilo, se utilizando de instrumentos marginais, no caso a pichação, para expressarem suas insatisfações sociais. Boaba (1991, p. 21), a respeito das relações existentes nos espaços, afirma que “O sentimento de pertencer a um espaço ordenado ou habitá-lo valoriza o homem; inversamente, o homem se sente desvalorizado quando o espaço ao qual pertence ou onde mora é desvalorizado”. Essa citação nos ajuda a entender o motivo pelo qual essas populações, mas especificamente os jovens, desejam esses *outros* lugares que tem padrões de vida muito diferente das realidades as quais eles vivenciam em seus cotidianos marginalizados. Essa é uma possibilidade de interação com a cidade, a qual lhes é negada, em uma nova dinâmica. Uma vez que, conforme Paviani (2002, p. 187), “Mais nem todos tem igual direito a cidade, simplesmente porque, a rigor, há dois tipos de cidadania e, por esta via, dois tipos de cidadãos. [...] existe a cidadania conquistada e a sua oposta, a cidadania dada”.

Outro assunto bastante abordado nas músicas de RAP é a questão da violência urbana, que por sua vez gera várias implicações na RNA. Conforme o texto publicado pelo Jornal A Tarde, em 23 de abril de 2006 nas páginas 4, 5, e 6. Citado no artigo, **Novo olhar sobre a Região Nordeste de Amaralina**: o impacto das ações culturais do Programa Viva Nordeste:<sup>7</sup>

Na região do Nordeste de Amaralina, as crianças crescem aprendendo a se proteger de tiroteios. Precisam decorar a complicada geopolítica da área, já que por causa das rixas nem todo mundo pode ir a todo lugar. Conhecer alguém que vende drogas a poucos passos de sua casa é fácil. Ter a

---

<sup>7</sup> **Tatiane dos Santos Souza**. Mestranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia (FAPESB).

consciência de que esta seja talvez a única fonte de renda ao seu alcance também. Muitos tiveram amigos mortos por causa do tráfico. E quase todo mundo tem alguma história para contar. [p.2]

Em entrevista a alguns adeptos do hip – hop, dessa região, quando falamos sobre violência, destaca-se a argumentação do MC<sup>8</sup> Armeng, que diz:

Eu acho isso um sensacionalismo, a violência que existe lá são eles mesmo que causam, porque eles deixam a galera solta, o policiamento que vai lá não dá segurança, e também eles não dão uma opção pras crianças crescerem tendo um outro objetivo em mente. As crianças vão pra escola só para passar de ano e fazer o lanche, chega em casa e fica o resto do dia inteiro na rua, não tem nada pra fazer, não tem um parquinho, não tem um esporte. Só quem busca mesmo é quem tem os pais que cobram, que são poucos. A culpa toda está no Governo, porque só chega na favela através da policia, isso todo mundo fala e é verdade mesmo, e além de não dá opção de lazer e ensino. Por mais que a mídia aumente o que acontece, eles colhem o que o próprio sistema plantam lá (INFORMAÇÃO VERBAL).

Havia na região um importante programa social, o Viva Nordeste, que tinha a função de “tirar” esses jovens do ócio, da vadiagem e inserir, esses jovens da comunidade, no sistema padronizado de sociedade com atividades culturais, de lazer, cursos profissionalizantes, entre outros, mas com a mudança de Governo do Estado, esse programa mudou suas feições. Com diz o DJ Poeira:

O Viva Nordeste, não existe mais como antes, passou a ser o Centro Social Urbano (CSU). O Governo atual de *Jaques Wagner* deixou de investir... No Governo de Paulo Souto a coisa era diferente, mas a comunidade passou a cobrar, e as coisas estão mudando. Eles estão revitalizando o prédio, o infor centro de produção musical, em que eu trabalho a seis anos, vai se tornar um estúdio, mas se resume a isso o apoio do Governo (INFORMAÇÃO VERBAL).

Concordando com Serpa (2007, p. 186) quando ele diz que “*a poesia e a música também contribuem para a formação e inserção dos jovens*”. É nessa vertente que o movimento hip – hop trabalha com a juventude, não sendo cúmplice da violência urbana, embora muitas vezes seja estigmatizado como “coisa“ de marginal e de ladrão. Essa juventude que está inserida nesse movimento cultural busca, sobretudo, o reconhecimento, o “direito a cidade” e a “cidadania” politizando-se, através de formas não tradicionais de se fazer política. Referente ao direito a cidade e a afirmação dentro da sociedade através da arte, Lefebvre (2001) diz:

Além do mais, e sobretudo, a arte restitui o sentido da obra; ela oferece múltiplas figuras de tempos e espaços *apropriados*; não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metamorfoseada em obra. A música mostra

---

<sup>8</sup> Mestre de Cerimônia é o vocalista do grupo de RAP, que também é conhecido como Rapper.

a apropriação do tempo, a pintura e a escultura, a apropriação do espaço (LEFEBVRE, 2001, p. 115).

Dessa forma esse movimento mostra-se como um importante meio político de desenvolvimento de práticas sócio-educativas e de auto-afirmação para a população negra e jovem do Brasil.

## **O RAP ENQUANTO MOVIMENTO CULTURAL DE RESISTÊNCIA DA POPULAÇÃO AFRICANA EM DIÁSPORA**

*“[...] Eu traduzo o pensamento de uma maioria /  
Recrutado pelas ruas das periferias / Guerrilheiros  
de uma causa nobre a favor dos pobres / Que se  
move, não se acomoda e se envolve [...]”<sup>9</sup>*

A resistência por parte das populações afro-descendentes e marginalizadas, em terras americanas, não é algo recente, tem sido percebida há séculos, desde os primeiros escravos negros que aqui pisaram, opondo-se as imposições que a eles eram demandadas, e ao mesmo tempo em que havia um gradativo resgate dos laços culturais dos seus países de origem, que por sua vez perpetuou-se ao longo da história adquirindo características miscigenadas. Encontra-se na cultura ou subcultura, uma forma de opor-se as mazelas sociais e históricas, que exploram o ser humano e reprime os anseios das populações marginalizadas. A cultura hip – hop enquadra-se nesse contexto de subculturas emergindo como um movimento sócio – cultural de caráter democrático e de afirmação identitária. No caso do hip – hop, como diz Herschmann (2000, p. 25) “[...] o hip – hop foi se afirmando como importante discurso político que tem revitalizado parte das reivindicações do movimento negro”. Maca (2005, p. 1) ainda corrobora, nessa questão dizendo que,

A cultura hip hop representa para nós afro-brasileiros, mais uma oportunidade de diversão, ao mesmo tempo que fortalece nossos laços identitários, atualizando-os com as experiências da contemporaneidade. Valoriza linguagens artísticas de concepção estética e temática que envolvem os elementos presentes no dia-a-dia da comunidade preta, de forma crítica, atuante e, sobretudo bela (MACA, 2005, p. 1).

---

<sup>9</sup> Trecho da música **Canalizando o ódio**, do grupo de RAP do Nordeste de Amaralina - Quilombo Vivo. *A nuvem Negra*, 2006.

Essa questão racial que é colocada dentro do hip – hop, especificamente dentro da cidade de Salvador, onde o debate a respeito é bastante intensificado pelos membros, ou não, da militância negra, que por sua vez não anula a participação de outras etnias ou raças dentro desse movimento cultural juvenil contemporâneo. E dessa forma o hip – hop, também, “veste a roupagem” de denuncia social, pegamos um fragmento de Milton Santos citado por Maca (2005, p. 2) argumentando que:

O movimento hip – hop nacional divide com o dos “sem terra” o que há de mais expressivo e abrangente na discussão de nossa realidade social, bem como na pratica voltada para as intervenções necessárias (MACA, 2005, p. 2).

Assim pode-se perceber a abrangência dessa cultura, que não se restringe apenas a questão racial, mas que percorre vários seguimentos dentro da sociedade urbana contemporânea, que por sua vez está repleta de utopias, mitos crenças e valores. Mas que fique bem claro que esse movimento cultural tem como caráter original a resistência e denúncia de populações negras por toda a América.

Não fugindo da “regra” que rege as periferias do Brasil, conforme os dados do IBGE (2002), 88% da população da RNA é parda ou negra. O que nos leva a perceber o quão é importante esse debate nessa comunidade, que tem a oportunidade de se conhecerem verdadeiramente como são, suas origens ancestrais, até que se possam quebrar todos esses paradigmas estabelecidos – a respeito dessas populações periféricas e marginalizadas – que por toda vida, lhes foram negado esse direito de saber a verdadeira história de seu povo, que vive massacrado e confinados em regiões de grande adensamento populacional, sem condições de terem uma vida menos árdua, por conta de politicagens e governanças descompromissadas. Esse é um dos discursos que estão inseridos nas expressões artísticas do movimento hip – hop, e especialmente na música RAP, que por sua vez tem o poder de conduzir os seus adeptos a trilharem diversos caminhos dentro da sociedade, uma vez que em suas canções são expostas as teorias de muitos pensadores, e intelectuais negros a nível nacional e internacional, a exemplo temos Malcom X e Milton Santos, dentre uma infinidade que não nos cabe decorrer nesse momento. É como disse Santos (2002, p.39) em **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, “*O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde*”. Dessa forma, a partir desse artigo, nos cabe desvendar essas lacunas informacionais, em que grande parcela da população é privada de obter.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no âmbito da geografia, encarregada de entender as inter-relações correntes na superfície da Terra, que devemos entender as manifestações culturais existentes nas cidades contemporâneas que envolvem relações de poder e política. Assim se faz necessário entender a cidade em suas diferentes dimensões para que aja uma maior compreensão do comportamento dos indivíduos sobre a mesma, e de uma forma recíproca. Essa nova visão das áreas periféricas de favelas urbanas, nos permitindo compreender algumas particularidades que envolvem a dinâmica da cidade e o comportamento dos indivíduos nessa esfera. Através de linguagens artísticas, a geografia cultural também é expressa, adquirindo uma maior sensibilidade e propondo um diferente nível de reflexão que enriquece o debate sobre a cidade, nos seus espaços urbanos e suas representações simbólicas que norteiam de forma padronizada o *pertencer* à cidade.

## REFERÊNCIAS

BOADA, Luis. **O espaço recriado**. São Paulo: Nobel, 1991 (Coleção Espaços).

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. **Como anda Salvador**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip – hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: editora EDUFREJ, 2000. 304p.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro 2001. 145p.

MACA, Nelson et al. **Revista Palmares**: Cultura afro - brasileira. Ano 1, n. 2, dez 2005. 24p.

MORAIS, Moisés. Um breve histórico do rap. **Expresso 18**. Caderno Cultural - Ano 1, n. 3, jun de 2009. p8.

OLIVEIRA, Milena Conceição. **O Nordeste de Amaralina na visão de seus jovens moradores**: a influência da mídia no processo de construção social do bairro. 2006. 77p. Monografia (Graduação em Comunicação – Relações Públicas), Salvador, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma nova globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record 2002 - 9ª ed. - 174p.

SANTOS, Milton; DE SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. **Território:** Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** Território e sociedade no início do século XXI. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** – São Paulo: Contexto, 2007. 208p.